



## História do Café no Brasil

Afonso de T. Tannay em um dos volumes de sua pormenorizada "História do Café no Brasil", rememora alguns fatos curiosos enfrentados pela preciosa bebida no passado. A propósito escreve:

«Pensa Jacy, sempre apoiado em Ebn-Abd-Algaffar, que entre 1895 e 1495, teria sido a bebida adotada em Meca e logo depois em Medina, ao norte da pátria de Mahomet, de onde, como era de esperar, se propagou ao Egipto, entre 1495 e 1505. O primeiro café do Cairo foi a famosa mesquita escola Al-Azhar.

Comenta Padberg:

«Punha-se o café numa grande vasilha de barro vermelho diante do superior, que o servia, em pequena escudela, aos sócios, sucessivamente, enquanto cantavam o louvor divino. Também os leigos e todos os presentes o tomavam, e Algaffar experimentou ali, pessoalmente, durante uma noite velada, a virtude sonífuga do maravilhoso licor. Este naturalmente popularizou-se em todo aquele bairro, sendo até vendido publicamente, sem que ninguém a isto se opuzesse.

Mas alarmaram-se alguns dos mais rígidos sectários do Corão para quem tudo quanto cheirava a vinho era insuportável.

Imenso desenvolvimento tomará logo em Meca o uso da infusão, afirma-nos Ebn-Abd-Algaffar.

Na atmosfera da sociabilidade das cafés acorriam debates sobre políticas, sociais e religiosas.

E estas discussões assumiram logo a mania da intolerância, muito natural entre gente de tão vigorosa fé.

Dois grandes partidos nasceram, o dos defensores e o dos opositores do café. A lei do Profeta relativa ao vinho, foi recordada e invocada como devendo ser aplicada ao café.

Estava a cidade sujeita, naquele tempo, ao império mamelico, bordjita, ou circassiano, do Egipto, que aliás vivia os seus últimos anos com Kansú, seu penúltimo sultão. Em 1517 Selim I acabaria com a independência da terra dos Faraós. Mandou o dinasta, como pachá, para a Meca, um emir por nome Khair-beg Mimar ou Kair-Bey, como escrevem alguns autores.

Passava por grande disciplinador mas não fideólogo, como fanático que era e ignorante dos hábitos daqueles a quem viera reger.

Não podia deixar de errar portanto. Certo dia em que saíra da mesquita encontrou um grupo de rezadores que pretendiam passar a noite a orar, bebendo café. Pensou que iam tomar vinho e espantou-se ao saber que se tratava do novo licor, espalhado recentemente pela cidade.

Aberto inquérito capacitou-se de que a ingestão do café criava uma toxicomania perigosa. Assim resolveu combatê-la violentamente. Para isto começou por mandar expulsar das mesquitas os bebedores da infusão.

Assanhavam-nos dois irmãos persas, alcunçados «Os dois doutores», e o seu secretário, Schemeddin, poz-se a mover tremenda perseguição aos tomadores de café.

Sob o pretexto de que surpreendera um conciliábulo noturno no qual diversos indivíduos faziam circular uma taça «com uma espécie de vinho», convocou Khair-bey a 20 de Junho de 1511, uma reunião dos juizes e alcaides de Meca além dos cadis e os mais sábios cheikhs da cidade, juristas, médicos, sacerdotes e outras personalidades eminentes.

Escribui-lhes um recíproco contendo café a proferir tremenda objurgatória contra a bebida nefanda. E pediu a opinião dos ilustres conselheiros.

Relatou-lhes o que vira e o que temia. Estava disposto a cortar o escândalo pela raiz. O principal argumento contra os tomadores de café era que em suas reuniões, «homens e mulheres se reuniam tocando violas e tambores e outros instrumentos musicais. Jogavam xadrez, mankale, e outros jogos, a dinheiro, praticando atos contra a sagrada lei do Profeta.

Terminando o aranzel exclamou, no dizer de Silvestre de Sacy em sua Chrestomathie Arabe: «Assim permita Deus preservar-se a nossa Lei de qualquer corrupção até o dia em que termos de aparecer em Sua presença».

E solicitou o voto dos membros da nobre junta. Conheciam estes, de sobra, o gênio do emir. Eram sabidos moradores do Oriente.

Primus in orbem... diz-nos Petronio no famoso texto, que tão fundo conhecimento revela da alma humana.

Assim, naquele concílio de bebedores, já inveterados, de café, ninguém tuguu, nem mugiu, em defesa do seu querido licor negro, a não ser o cheik Nur-eddin, filho de Naser, prestigioso mufti, professor e pregador.

Pois bem, foi insultado, vilipendiado pelos pares tratado de infiel ignorante, celerado. Quantos tu quoque! teria podido dizer o bom mufti assim injuriado?

A história o inscreve hoje no martirologio simbólico do café, dando-lhe a primazia do sacrificio, aliás inculcuto.

Quando muito concordaram os juristas na necessidade de se dar novo regulamento aos cafés públicos. Quanto ao uso da bebida opinaram que tornava necessário examinar se realmente era o café prejudicial ao corpo e ao espirito. Se não o fosse não deveria a autoridade mandar fechar as casas em que se vendia o género.

E lembraram quanto, acima de tudo, convinha igualmente ouvir os médicos sobre este assunto.

Os tais persas os «dois doutores», os irmãos Hakinami, que aliás passavam pelos melhores físicos de Meca, foram convidados a depor. Já um deles escrevera um livro contra o café. Eram portanto suspeitos seus depoimentos. Influenciado pelas conveniências da profissão debateram um deles como se

temesse que a nova bebida causasse grave danos à prática da medicina.

O irmão corroborou-se as palavras. Declarou à nobre assembléa dos eminentes ouvintes que a seu ver a planta bunn da qual se fazia o café, era «fria e seca» e portanto insalubre.

Quando outro médico presente ao comício, recordou que Bengiaziah o velho e prestigioso contemporâneo de Avicenna, ensinara ser o café quente e seco, os dois irmãos declaram que este autor, ao emitir tal opinião, tinha em mente outra planta do mesmo nome.

E aliás tal parecer não era infalível, nem vinha ao caso.

Sim, porque se o café dispunha os homens à prática de atos defesos pela religião, o argumento essencial aos olhos dos musulmanes era que elle devia ser proscrito como legal.

Viram-se pois os amigos do café confundidos e intimidados. Apenas como vinhos, falou em sua defesa o mufti.

Os demais, dominados pela presença do cheik ou o zelo mal entendido, afirmaram que a infusão lhes tornava a mente nebulosa. Houve um dos conselheiros — homem de convicções e independência — que chegou ao extremo de afirmar que o café o inebriava como vinho, o que apesar de tudo, provocou hilaridade, tão torpe bajulação representavam tais palavras.

Arguiram-lhe que estava a confessar grave pecado. Então bebera vinho, o que a lei do Profeta proibia? A não ser assim como podia sustentar a comparação?

Pois bem afirmou que infelizmente se embebedara com vinho, muito embora se condensasse, possivelmente, à aplicação de uma sova de pau.

Assim triunfou o governador, e o café foi, por decreto, solenemente proibido. Lavrou-se ata da reunião, enviada pop, mensageiro especial, ao sultão egypcio.

No mesmo momento promulgava-se um edito, proibindo a venda de grão, quer em público, quer particularmente.

Agindo com maior violência, Khair-bey, em pessoa, pos-se a percorrer a cidade mandando destruir quanta casca e grão de café encontrou.

Os meirinhos entravam pelos cafés e mercearias e fechar-lhes as portas, intimidando-lhes os donos a não vender mais café. E, ao mesmo tempo, exigiam a queima, logo e logo, de todo o estoque do grão.

Foram os bebedores contumazes arrastados pelas ruas como objetos de pública execração.

Veio a resistência a tão absurdo decreto, subtil, persistente, tenaz. Alegavam os defensores do café que com eles estava o mufti, o único da assembléa, disposto de autoridade para a interpretação da lei.

Pegou Kair Bey um contraventor em flagrante e disposto a severo exemplo mandou castigá-lo duramente. Depois da provável surra, fê-lo montar, num asno e passar pelas ruas principais da cidade para terrível escarmento dos povos.

Não desapareceu, de todo, o uso do decoto, tomado agora muito em segredo. Ao mesmo tempo despachou-se ao sultão, no Cairo, longa relação official, assinada pelos membros daquele conciliábulo condenatório.

Acompanhava-o uma consulta deste teor: «Qua pensava duma bebida, chamada qava cujo uso, em Meca e outros logares, espalhou-se a tal ponto que é até tomada em logares sagrados?».

Daquele aranzel interessam-nos as expressões assinaladoras da novidade da beberagem, recorda Padberg, In-